

DIVERSIDADE NO CURRÍCULO: REFLEXÕES A PARTIR DO LIVRO “EDUCANDO CRIANÇAS ANTIRRACISTAS”, DE BÁRBARA CARINE

AMÂNCIO, J¹; MIGUEZ, J²; AMARO, I³

¹ EE/PPGEDU/UNIRIO, jaqueline.souza.amancio@gmail.com

² EE/PPGEDU/UNIRIO, julia.miguezcl@edu.unirio.br

³ FEBEF/PPGECC/UERJ, ivanamaro.uerj@gmail.com

Palavra-chave: Diversidade, currículo, literatura

Este trabalho parte de uma análise qualitativa da obra “Educando crianças antirracistas”, de Bárbara Carine. O livro, que é um manual antirracista para a primeira infância, foi produzido em um contexto de “profundo atordoamento”, nas palavras da própria autora, devido a casos recorrentes de racismo na escola. Trata-se de um importante instrumento político-pedagógico para professores e responsáveis que desejam caminhar no sentido de uma educação em direitos humanos, o que inclui prover discussões que envolvam questões raciais, de gênero e de sexualidade.

As leis 10.639/2003 e 11.645/2008 diversificaram o currículo ao tornar obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígenas nas escolas da educação básica no Brasil. Todavia, a efetivação das leis tornou-se um desafio. Historicamente, currículos têm servido para regular, normalizar e definir quem pode ou não pertencer, instituindo violências e contribuindo para inferiorizações, apagamentos e silenciamentos, que tornam algumas vidas menos possíveis de serem vividas (Paraíso, 2018).

Marlucy Paraíso (2021, s.p.) defende que “Currículo é território político, ético e estético incontrolável que, se é usado para regular e ordenar, pode também ser território de escapes de todos os tipos, no qual se definem e constroem percursos inusitados, caminhos mais leves, trajetos grávidos de esperança a serem percorridos”. Os livros, nesse sentido, têm o potencial de produzir novos percursos, abrir para o diálogo e contribuir para a quebra de estereótipos - essenciais para a reprodução de violências. Além disso, eles podem ser ferramentas férteis para discussões mais lúdicas e contextualizadas.

O objetivo principal deste trabalho é analisar como a literatura infantojuvenil, enquanto objeto político-pedagógico, pode contribuir para que as temáticas sobre as diversidades - de raça, gênero, sexualidade, corpos etc. - sejam abordadas nos currículos e nos espaços escolares. Para isso, faremos associações e discussões sobre tais questões a partir da obra “Educando crianças antirracistas”, utilizando os seguintes eixos de análise: questões raciais e corporalidades; questões de gênero e diversidade familiar; composição gráfica das personagens.

Assim, entendemos que a literatura é uma ferramenta singular, podendo promover liberdade ou reforçar estereótipos e violações. O processo de



ensino-aprendizagem eficiente é aquele que, nas palavras de bell hooks (2013), respeita e protege os alunos; que é comprometido com o crescimento integral e bem-estar de todos os que participam dele. Nesse sentido, o currículo pode ser esse território que abriga as diferenças e faz crescer as possibilidades de vida, fortalecendo uma educação democrática e de respeito às diversas formas de existir.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

PARAÍSO, Marlucy Alves. CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

Agradecimentos: CNPq e CAPES.

